

EU SEI O QUE É MAS NÃO SEI FALAR

I KNOW WHAT IT IS BUT I CANNOT SPEAK

Maria Irma Hadler COUDRY¹

Júlia DIAS²

Resumo: Este texto focaliza o estudo da afasia como tradução, tomando o caso de uma mulher afásica (MP), com lesão nas regiões parieto-temporo-occipitais esquerdas do cérebro, que apresenta dificuldades de fala, leitura e escrita. *Sei o que é, mas não sei falar*, é como ela se refere à sua condição de afásica. Tem as palavras na cabeça e na ponta da língua, mas a afasia dificulta que as realize verbalmente. O objetivo do texto é (re)pensar o que se tem formulado como processos alternativos de significação que ocorrem no discurso do afásico, tomando a tradução inter e intrasemiótica para expressar a linguagem verbal. Para tanto, apresentaremos dados em que MP traduz fala por gesto, por desenho e por escrita, que são caminhos alternativos que encontra para dizer. A metodologia, de base heurística, tem o processo como foco da análise e, a partir desta, foi possível flagrar um conjunto representativo de *dados-achados* que iluminam o olhar do investigador sobre a linguagem na afasia e movimentam a teorização que se vislumbra.

Palavras-chave: Neurolinguística Discursiva. Afasia. Tradução. Processos Alternativos de Significação.

Abstract: This text focuses on the issue of how the alternative meaning processes, in aphasia context, might be considered as inter/intrasemiotic translation. Thus, through the case of an aphasic woman (here referred to as MP), who had an ictus which caused a left parieto-temporo-occipital injury. Due to her brain impairment, MP has speech, reading and writing difficulties. She always explains her difficulties by saying the following utterance “I know what it is, but I cannot speak”. She has the words both in her head and on the tip of her tongue. However, MP faces difficulties in order to verbalize the words (especially the nouns), due to her aphasic condition. This text aims to (re)think about what has been formulated as alternative processes of signification, and how it occurs in the aphasic’s speech through inter and intrasemiotic translation to express verbal language. In order to do it, we present data in which MP translates speech by gesture, drawing and writing, which are alternative ways she finds to speak. The methodology, based on heuristics, has the process as the focus of analysis, being possible to catch a representative set of data-findings that illuminate the approach of language in aphasia and move the theory.

Keywords: Discursive Neurolinguistics. Aphasia. Translation. Alternative Processes of Signification.

1 Coudry. UNICAMP. E-mail: mihadler@gmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/00000003-2724-1608>.

2 Dias. UNICAMP. E-mail: juliadiasjlds@gmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-00029466-0848>.

- | Eu sei o que é mas não sei falar

1. Introdução

Autores clássicos que estudaram a afasia, direta ou indiretamente, a caracterizam como um fenômeno que modifica a relação entre o que é da ordem do voluntário, refletido e pensado e o que é da ordem do automático. A afasia³ interrompe o fluxo contínuo e a concomitância entre essas duas ordens de acesso à língua, aos seus subsistemas e ao jogo da linguagem. Conforme apresentaremos, *saber o que é, mas não saber falar*⁴ – como a afásica cujos dados analisaremos neste artigo se refere à sua condição – desencadeia possibilidades não verbais de relação com a linguagem verbal.

O quadro teórico-metodológico utilizado neste texto segue a proposta da Neurolinguística de tradição discursiva (ND⁵) de investigar a relação do afásico com a linguagem, tomando a *afasia como tradução*, com base no estudo clássico de Jakobson (1955/1970; 1956/1975), que enfatiza a possibilidade de dizer por outros meios para além do verbal. Assim, ser afásico significa não só não dizer uma palavra como também dizer outra coisa em seu lugar. Outros meios (lexicais, gramaticais, situacionais, acústicos, rítmicos, corporais, gestuais, perceptivos, pictográficos, indiciais) se apresentam como processos alternativos de significação⁶ e mostram que há linguagem na afasia, bem como permitem ao investigador encontrar caminhos para interferir e reorganizar a fala, a leitura e a escrita do afásico.

O objetivo deste texto é analisar a tradução (JAKOBSON, 1955/1970) de signos verbais no interior do próprio sistema da língua (traduzindo palavras por expressões, outras palavras), bem como a tradução de signos verbais por meio de sistemas de

3 A afasia, do ponto de vista neurológico, decorre de lesão córtico-cerebral. Do ponto de vista linguístico/discursivo, a afasia produz modificações nos processos de significação (COUDRY, 1986/88) que afetam os diferentes níveis de linguagem e sua inter-relação, considerando-se os efeitos de um nível em outro(s), no funcionamento da linguagem (BENVENISTE, 1970; COUDRY, 1993).

4 Grande parte da reflexão teórico-metodológica deste texto foi apresentada na comunicação *Eu sei o que é mas não sei falar*, no 66º Seminário do GEL, UNESP, São José do Rio Preto, de 10 a 13 de julho de 2018.

5 Em resumo, trata-se de uma abordagem que considera, para avaliar e acompanhar longitudinalmente os sujeitos em questão, o funcionamento da linguagem de natureza discursiva, em cena por pelo menos dois interlocutores, situados em práticas com a linguagem, socialmente partilhadas. Sujeito e linguagem se constituem mutuamente e se modificam ao longo do processo histórico que caracteriza o uso social da linguagem por e com sujeitos da linguagem. É atenta aos dispositivos (FOUCAULT, 1969; AGAMBEN, 2009) que determinam o que pode ser dito e feito e se posiciona contra a avaliação psicométrica instituída que, por sua vez, orienta condutas terapêuticas.

6 No *Diário de Narciso*, Coudry (1986/88) descreve o conceito de *processos alternativos de significação* que, justamente, recobrem as soluções possíveis diante da afasia, soluções estas não oficiais, produzidas em função do sentido, que o afásico encontra para realizar seu dizer. Chamamos tais processos de *gato*, ligações fora da ordem e transitórias (ver Coudry, 2008 e Abaurre e Coudry, 2008).

signos não verbais (traduzindo palavras por gestos) para discutir o que se tem formulado como processos alternativos de significação no interior da Neurolinguística de tradição discursiva. Para tanto, apresentaremos dados em que uma afásica (MP) traduz fala por gesto, por desenho, por escrita ou ainda escrita por desenho, e trataremos esta tradução como caminhos que encontra para dizer *o que é, mas não consegue falar*. Conforme veremos nos dados, MP tem a organização sintagmática da fala afetada pela afasia.

A metodologia que orienta a análise apresentada neste artigo segue a Neurolinguística de tradição discursiva: é de base heurística e tem o processo como foco de análise, no qual é possível flagrar um conjunto representativo de *dados*⁷ que iluminam tanto o olhar do investigador sobre processo/intervenção longitudinal, como movimentam a teorização que se vislumbra. Na análise do processo, alguns dados destacam particularidades do estudo de caso e chamamos atenção para isso: tanto possibilitam a descoberta de caminhos que o afásico toma para lidar com suas dificuldades quanto contribuem para a teorização na medida em que levam ao diálogo com autores que nos ajudam a compreender a afasia.

O texto dá continuidade ao estudo do caso MP, 42 anos, mulher, escolarizada, destra, auxiliar administrativa e que frequenta o Centro de Convivência dos Afásicos⁸ (CCA – IEL/UNICAMP) desde março de 2016. MP apresenta uma afasia verbal – que modifica a relação entre aspectos sonoros, visuais e táteis que compõem o complexo de palavra (FREUD, 1891) – decorrente de um acidente de moto em 12/01/2012 que lesionou as

7 Dentre os dados produzidos no processo de acompanhamento longitudinal, Coudry (1996) e Coudry e Freire (2010) caracterizam o *dado-achado* como produto da articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento longitudinal de processos linguístico-cognitivos. O dado-achado funciona como uma espécie de pista privilegiada para o investigador descobrir caminhos trilhados pelo sujeito que fazem compreender suas dificuldades e as saídas encontradas. A ND desenvolveu um Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) que abriga os dados da área.

8 Fundado em 1989, o Centro de Convivência de Afásicos (CCA) funciona no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/UNICAMP) e é fruto de um convênio interdisciplinar do Departamento de Linguística com o Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM/UNICAMP). Atualmente há três grupos no CCA, sendo o segundo, foco deste artigo, coordenado por Coudry. Fundamenta-se nos princípios teóricos propostos pela Neurolinguística de tradição discursiva e se apresenta como um lugar em que sujeitos afásicos e não afásicos participam de um ambiente de linguagem em que, no papel de interlocutores, constroem e partilham de vários interesses, papéis e valores culturais que os identificam como falantes de uma língua natural; um ambiente em que a linguagem acontece em suas mais diversas formas, simples e complexas, heterogêneas, carregadas de marcas particulares e de dizeres/escritos partilhados; onde se abrem as mais diversas possibilidades de construção de sentidos, mediadas por recursos metodológicos e pelos acontecimentos de que se fala/escreve/lê/imagina na vida organizada em sociedade. Comentamos nossas agendas e as notícias dos jornais impressos e falados, fazemos relatos daquilo que vale a pena ser compartilhado, dramatizamos cenas da vida cotidiana, nos envolvemos em jogos verbais que focalizam fala, leitura e escrita, propomos títulos para fotos dos jornais da semana, entre outras atividades com e sobre a linguagem. Comentamos também, considerando que o CCA funciona como um laboratório de dados e de formação discente, o caso de cada um dos afásicos, suas dificuldades e sua evolução.

- | Eu sei o que é mas não sei falar

regiões parieto-temporo-occipitais do hemisfério esquerdo do cérebro, deixando como seqüela uma hemiparesia do lado esquerdo do corpo e modificações em sua fala, leitura e escrita (DIAS, 2017).

2. O automático e o voluntário na afasia

É Jackson (1874) quem caracteriza o estado afásico como uma impossibilidade de expressar uma atitude proposicional (vontade/ação); uma disposição para falar, conforme descreve Coudry (2002 a, b). No entanto, na fala espontânea e natural, falando com o outro, o paciente de Jackson pode dizer uma palavra que não disse sob vontade explícita. Ou seja, não consegue *repetir* o que disse seu interlocutor (a palavra *não*), mas consegue dizer a palavra repetida (*não* consigo dizer *não*). A ideia de Jackson de hierarquia das funções superiores orienta os diversos papéis atribuídos ao cérebro⁹, desde movimentos automáticos, irrefletidos, até os mais complexos, voluntários, que podem revelar a atitude proposicional do sujeito em relação à linguagem e às iniciativas que envolvem gestos (COUDRY, 2008, 2009).

Há efeitos do pensamento de Jackson em vários autores: Freud postula que a condição da afasia incide no dito intencionado (1901/1969); Goldstein, no dito voluntário (1948); Luria, no consciente (1977) e Jakobson, no reflexivo e metalinguístico (1955/1975, 1956/1975). Outros meios, como vimos – gestos, desenhos –, são utilizados pelo afásico como processos alternativos de significação (COUDRY, 1986/88) para restabelecer os dois modos de arranjo da cadeia verbal, o sintagmático e o paradigmático (JAKOBSON, 1955/1970), um deles preferencialmente afetado em estados de afasia, como também é preferencial o estilo/subjetividade¹⁰, mais à moda de um como de outro, quando não se é afásico. Seu modelo de afasia compara os dois tipos de afasia com características da fala humana sem afasia, buscando uma espécie de *normalização da patologia*. É interessante que as ideias de Jakobson, assim como as dos neurologistas Jackson, Freud, Goldstein e Luria, deduzem, de um modelo de funcionamento normal da linguagem, a existência de características/sintomas que indicam a existência de *language impairments*. Dessa maneira, a relação normal/patológico está na afasia, que se manifesta modificando o

9 A concepção de cérebro assumida pela ND aponta para um funcionamento distribuído (COUDRY; FREIRE, 2017; MUSSALIM, 2018) e integrado e segue a teorização neurológica descrita por Freud (1891) e Luria (1977, 1987), que propõe um equipamento cerebral, funcional e hierarquicamente organizado, sensível à experiência histórica e psíquica dos sujeitos, e no qual a linguagem está representada em uma extensa área.

10 No sentido que lhe dá Possenti (1986/88): estilo se articula com escolhas que são da ordem de um sujeito histórico, *nem senhor, nem escravo, mas um trabalhador, com e sobre a língua*, e frente ao funcionamento discursivo por onde são indicados *por quais mecanismos se chega eventualmente a determinar a interpretação desejada ou as interpretações possíveis* (p. 50).

funcionamento normal da linguagem em níveis linguísticos que se inter-relacionam, conforme Benveniste, ou rompendo a bipolaridade da cadeia verbal em ação com base na seleção de unidades linguísticas e sua combinação, conforme Jakobson. Na afasia que afeta a sintaxe, por exemplo, há sintomas de agramatismo (enunciado reduzido a nomes, com ausência de verbo, determinantes, preposições) e não há dificuldades semânticas que comprometem o sentido. É por isso que a ND reafirma em seus estudos que é do modelo de funcionamento normal que se deduzem sintomas patológicos e que há uma *lógica na linguagem patológica*, conforme Coudry (1997).

O texto de Coudry e Gregolin (2002) “Poder fazer e não poder dizer” remete à situação que Freud descreve quando a palavra está no corpo como ação, mas não na língua, ou seja, está na cabeça, na ponta da língua, mas não se realiza (COUDRY, 2012, 2009, 2008; OLIVEIRA, 2015) na linguagem verbal (fala, leitura e escrita), o que pode acontecer com afásicos e não afásicos, sendo os primeiros mais vulneráveis e propensos a que isso ocorra. Logo no início do livro sobre as afasias, Freud aproxima atos falhos de parafasias, que são, para ele, produtos dos mesmos processos perceptivos e associativos. Essa afirmação já revela a questão funcional (diferentemente da lesional) que o autor introduz no estudo crítico da afasia. Coudry (2009, 2012) estende essa aproximação para a falta do nome na afasia (*anomia/word find difficulty*¹¹) e para a falta do nome no estado normal do discurso (esquecimento temporário de nomes, palavras na ponta da língua), conforme Freud (1901/1969), produto de processos psíquicos e fisiológicos, que funcionam em concomitância. Ou seja, ele aproxima o normal do patológico e vice-versa, o que é crucial para a análise das parafasias (COUDRY, 2009, 2008).

Para abordar a relação automático-voluntário, recorreremos a um dado que mostra uma quebra nessa relação, tornando voluntárias escolhas que, antes da afasia, eram automáticas (COUDRY, 2009, 2008). É o que ocorre na escrita de JS, 74 anos, destro, europeu, nacionalizado brasileiro, após sofrer três acidentes vasculares cerebrais isquêmicos que lesionaram as regiões parieto-occipitais de ambos os hemisférios cerebrais. JS apresenta alterações visuo-espaciais relacionadas à escrita, à leitura das horas, a desenhos, ao cálculo por escrito e à ocupação de seu corpo no espaço em que se encontra, diretamente ou sob representação¹².

¹¹ Em geral, a literatura neurológica e neuropsicológica distingue *anomia* de *word find difficulty* descrevendo a primeira como a falta de um nome e a segunda de um nome que falta temporariamente. Coudry (1993) caracteriza a afasia como um processo, funcionalmente patológico, em *câmara lenta*, no qual se pode *ver o (in)visível*, o que pode ajudar na compreensão da chamada falta do nome, quando ele vem ou não à boca, talvez sem precisar de duas nomenclaturas para isso.

¹² O dado é retirado do estudo de caso em Pereira (2006), *Linguagem e aspectos visuo-espaciais: uma abordagem discursiva*, Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP, orientado pela autora deste texto.

- | Eu sei o que é mas não sei falar

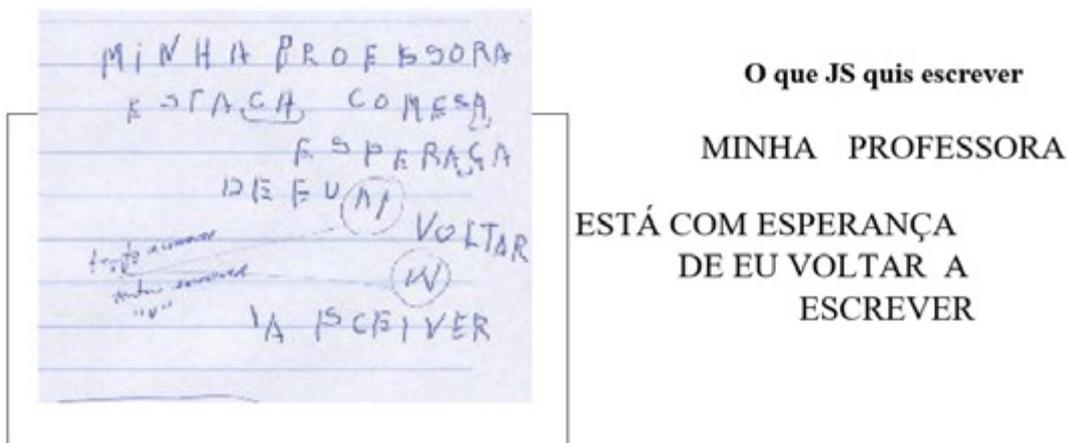


Figura 1. Escrita de JS

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística – CNPq: 311504/2016-7

O dado 1 (Figura 1) mostra a escrita modificada de JS, ou seja, a pouca familiaridade que ele passa a ter com a ocupação do espaço da escrita, revelando uma dissolução de automatismos motores nela envolvidos, muito antigos, que são aprendidos logo nos primeiros anos escolares e que, ao longo de nossa história com a escrita, são substituídos por traçados mais refinados que, de novo, são automatizados para se tornarem velhos e irrefletidos. Funcionalmente, uma lesão pode romper essa cadeia automática e modificar a relação espacial de um sujeito com seu corpo e outras representações simbólicas.

É visível a negligência do lado esquerdo da folha, o que remete a certos quadros de sujeitos cérebro-lesados, e uma ocupação do espaço muito em diagonal descendente, o que revela também um aprendiz de escrita às voltas com correlações visuo-motoras. Este dado nos remete ao que Freud pontua sobre a relação velho/novo em estados de afasia. O ato motor para escrever, antes automático para JS – dado que usava a escrita em sua vida – agora se apresenta como lugar de reflexão. O traçado de cada letra exige uma análise e uma decisão. No traçado da letra V e da letra A, cuja direção para cima e para baixo é invertida (diferença e semelhança que ele custa a fazer), é justamente onde sua apraxia construtiva se manifesta, levando-o a se fixar no desenho da letra. O desempenho motor da sua escrita, que antes era automático e rápido, agora se tornou moroso em consequência do tempo que JS precisa para refletir e analisar a realização de segmentos que compõem cada letra de nosso alfabeto, ou seja, curvas, traços, pingos. É o que se vê na escrita da palavra *escrever*: uma imprecisão de traços que caracteriza a perda de gestos automáticos e contínuos.

3. O velho e o novo na afasia

Na literatura sobre afasia no século XIX, sobretudo, com Jackson e Freud, e, no século XX, com Goldstein e Luria, podem-se identificar as correlações automático e voluntário/velho e novo. Em outras palavras, geralmente o *velho da língua* (COUDRY; 2018, 2012, 2010, 2009, 2008; COUDRY; SAMPAIO; ISHARA, 2009) corresponde ao conhecido, automatizado, irrefletido; o novo, diferentemente, aparece, muitas vezes, como indeterminado, desconhecido e também refletido.

O que para o não afásico está mais delimitado como da ordem do velho e do novo, – ainda que vulnerável a atos falhos, hesitações, contradições, ao não controle do que pode/deve ser dito –, para o afásico, a relação entre o velho e o novo se torna mais nebulosa, porque a afasia produz uma modificação funcional no cérebro e na linguagem, fazendo com que a barra divisória que separa o normal do patológico perca sua rigidez e abrigue, por exemplo, construções alternativas¹³, suportadas pela língua. Assim, o conhecido/velho se apresenta como modificado/novo na afasia, conforme Freud (1891). Coudry (2018, 2012, 2010, 2009, 2008) analisa essa teorização e o que os dados dizem sobre ela. A afasia, considera a autora, interrompe/modifica essa dinâmica entre o automático e voluntário/velho e novo; e se antes a fala transcorria como natural, com todas as marcas da fala humana, no estado afásico, as palavras não estão mais tão à disposição do falante, pois há uma interrupção no fluxo do discurso que afeta as condições em que se organiza a língua: o sistema sonoro, fono-articulatório, o fundo lexical comum, os arranjos sintáticos, as leis pragmáticas, e suas interrelações na linguagem em funcionamento. Por outro lado, o afásico, em um ambiente discursivo, produz rearranjos para falar por diferentes trajetos que, de maneira geral, se apresentam, como vimos, como uma relação não oficial, um *gato* (cf. nota 4), um processo alternativo que recupera o velho – não em sua forma original – mas produto de um trabalho linguístico-cognitivo que circula por diferentes sistemas verbais e não verbais (cf. nota 2). O mesmo acontece no nível da unidade funcional da palavra quando se tem preservada a imagem sonora da palavra conhecida, já dita, ou seja, o velho da língua que se apresenta sem a sua correspondência motora. Nesse caso, uma afásica, como MP, sabe o que quer dizer e os gestos articulatórios do velho da língua lhe fazem falta, o que pode redundar em novos arranjos que se configuram como parafasias¹⁴ ou como outros processos (verbais, visuais, gestuais) que indicam ou descrevem algum aspecto relevante do nome no lugar de dizer o nome.

¹³ Definidas por Coudry (1986/1988) como processos alternativos de significação.

¹⁴ E nesse trajeto podem ocorrer também atos falhos, um indício de que o patológico está no normal e vice-versa.

- | Eu sei o que é mas não sei falar

4. O estudo de caso MP

Como mencionado, MP apresenta uma fala marcada pela afasia que tem como uma das características não conseguir dizer o nome das coisas ou pessoas, ou como ela mesma se refere à sua condição: *sei o que é, mas não sei falar*. Nessa expressão, observa-se uma fala sem afasia, ao mesmo tempo em que explica em qual aspecto da linguagem a afasia mais incide: a nomeação. Além disso, o enunciado mostra que MP compreende a fala do outro, sabe o que é para dizer, entende sua própria fala, mas não consegue dizer o que sabe. A respeito disso, o artigo de Coudry e Gregolin (2002), “Poder fazer e não poder dizer”, mencionado anteriormente, relata marcos do estudo longitudinal do agramatismo de P (afásico do *Diário de Narciso* e de muitos outros estudos neurolinguísticos), que reestrutura sua sintaxe de modo a poder *fazer* e *dizer*, o que, no início do quadro, sua sintaxe não possibilitava: *fazia* mas não *dizia*. MP, como veremos nos dados, transita entre o fazer, o dizer e o mostrar. Para enfrentar suas dificuldades, MP traduz seu dizer em gestos representativos, em desenhos e em outros modos de representação.

Vê-se, a seguir, no dado 2¹⁵ (Quadro 1), que a produção verbal de MP foi ampliada em termos sintáticos (verbos flexionados, ordem sintática, enunciado completo), fazendo interface com o léxico e com operadores argumentativos que sustentam sua argumentação no diálogo (*mais*). Tal (re)arranjo sintático-semântico é efeito da intervenção do investigador. O *depois* dito pelo investigador (linha 3) desencadeia o *antes* e o *mas agora* (linha 5) na fala de MP, o que organiza a temporalidade. Ao dizer *depois também*, ela consegue organizar temporalmente em sua fala o momento no qual o plano de saúde foi cortado, usando como referência o acidente, introduzido pela fala do investigador. Assim, MP lhe explica que tinha plano de saúde antes e depois do acidente e que apenas recentemente – *agora* – havia sido cortado, além do uso argumentativo da pressuposição (DUCROT, 1987). A resposta (linha 13): *Sim eu não tenho mais* (plano de saúde), mostra que MP lança mão de um *pressuposto* marcado pelo *mais* (*eu tinha*), para sustentar o que é *posto* em sua fala: *agora não tenho*; o *ainda* reforça que ela ainda teve plano depois de afásica, antes de ser cortado.

15 Que funciona como um *achado* no processo longitudinal de MP (COUDRY, 1996).

Quadro 1. Antes, mas agora, depois também (02/06/2017)

Linha	Interlocutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não verbal
1	ljd	Então a gente está falando sobre o médico		
2	MP	É, não só ele, tudo		
3	ljd	Depois do acidente...		
4	MP	Isso		
5	MP	Não, ante eu tinha ainda, mas ago, e eu vou, eu vou muito		
6	MP	Tudo o que eu, não tava bom		Movimento com as mãos indicando o corpo todo a partir da cabeça.
7	MP	Eu tinha isso aqui		Faz um quadrado com as mãos para representar a carteira do plano de saúde.
8	ljd	Você tinha plano de saúde		
9	MP	liiisso	Tom de confirmação	
10	ljd	Então você tinha plano de saúde depois do acidente		
11	MP	Depois também, foi agora que ele tirou		
12	ljd	Agora você está sem plano de saúde?		
13	MP	Siim eu não tenho mais		

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística – CNPq: 311504/2016-7

- | Eu sei o que é mas não sei falar

Como veremos adiante na teorização que propomos, seguindo Goldstein (1948), interpretamos que, no início do acompanhamento, MP se servia de *instrumentalidades*¹⁶ e de *detours* para falar, ao passo que o ambiente discursivo em que atualmente está envolvida (no CCA e em suas relações afetivas) lhe possibilita o rearranjo de suas escolhas linguísticas e, assim, lhe permite lidar melhor com a linguagem. MP reelabora a relação entre as palavras no eixo sintagmático (cf. Jakobson), de modo a apresentar enunciados mais completos.

Os dois dados a seguir, 3 e 4, (Figura 2 e Figura 3) aconteceram em uma sessão do CCA (06/10/2017) durante um jogo que envolve leitura e escrita e no qual cada participante recebe uma palavra escrita que é colada em sua testa sem que ele a tenha lido. A pessoa que tem a palavra na testa tem que formular perguntas sobre ela para os demais participantes, a fim de descobrir o que está escrito. A princípio, MP não gostava desse jogo, pois sua afasia havia afetado também a escrita/leitura, efeito da lesão occipital. Dizia-se incapaz de ler as palavras na testa dos participantes, e era necessário que nós as falássemos para ela, sem os outros ouvirem. Até o momento em que, em uma das rodadas do jogo, MP olhou para as palavras e disse *eu acho que eu sei* e desenhou um abacaxi e uma garrafa térmica de café (que está em cima da mesa à sua frente), para as palavras *abacaxi* e *café*, respectivamente, que leu na testa de dois participantes. Destacamos a expansão metonímica que faz para *café* na tentativa de nomeação pelo desenho¹⁷. O lugar em que se coloca o café mobiliza a palavra café. É interessante observar que a reelaboração de sua dificuldade sintagmática na afasia verbal precisa da própria cadeia sintagmática para reorganizá-la.

16 Goldstein define como *detours* as estratégias que ocorrem ao afásico no lugar do modo *normal* de dizer, ou seja, palavras são lembradas/acessadas por outros caminhos, por meio de paráfrases, recurso à memória sensorial e motora que aquela palavra evoca. O autor considera que a afasia preserva o uso instrumental da linguagem e afeta seu uso simbólico. Como lhe falta o nome, por exemplo, o afásico recorre a algo externo à língua, como instrumento para dizer: o próprio objeto, gestos, desenhos. Notamos que as diversas estratégias de *detour* que surgem como possibilidade de dizer são compatíveis com o que Coudry (1986/1988) define como *processos alternativos de significação*.

17 Essa possibilidade de interpretar o signo verbal também é um dado-achado (COUDRY, 1996).

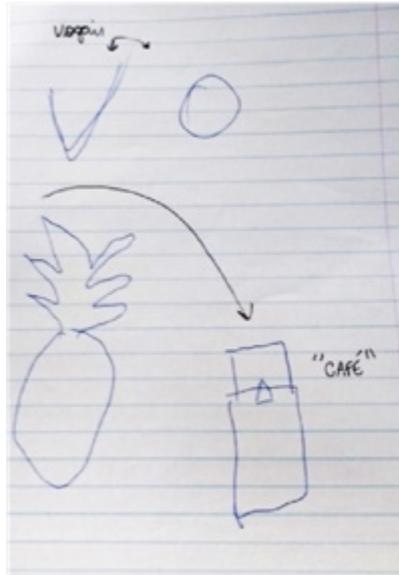


Figura 2. Fazer para dizer que leu: abacaxi e café (06/10/2017)

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística – CNPq: 311504/2016-7

Na rodada seguinte do jogo, foi a vez de MP fazer perguntas para adivinhar que palavra está escrita em sua testa. Ela tinha um nome em mente, mas não conseguia falar. A dificuldade de nomeação torna essa tarefa mais difícil e MP não consegue dizer aos participantes seu palpite, mesmo após as dicas que recebe. A sensação de *saber o que é, mas não poder/saber dizer* está presente. A solução que encontra é desenhar uma maçã, o que não serve como dica, porque nada se relaciona com frutas ou alimentos. Só quando MP melhora seu desenho, acrescentando o detalhe da mordida na maçã, é que seu palpite da palavra é compreendido: computador.



Figura 3. Escrita/desenho de *Apple* (01/09/2017)

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística – CNPq: 311504/2016-7

- | Eu sei o que é mas não sei falar

Desenhar para dizer o que está escrito mostra que a afasia de MP modificou sua permanência na escrita. A soletração, ou seja, dizer o nome da letra numa determinada sequência, funciona como uma barreira para ler/escrever e não mais como uma porta de entrada para a escrita, como acontece no processo de aquisição na infância. Sua afasia afeta operações básicas da língua, por exemplo, as de segmentar e recompor, desde o fone até a palavra e o discurso. A relação som e letra também se encontra afetada, pois não consegue compreender nem (re)produzir os sons que as letras representam. No entanto, como mostra o dado 3, MP consegue reconhecer/ler algumas palavras em bloco, e traduzir em desenhos essa compreensão. A abordagem discursiva permite que o afásico, apesar das dificuldades que estão presentes na linguagem, descubra um caminho possível para se inserir em uma prática discursiva e social como a leitura/escrita. MP não reconhece as letras pelo nome nem pelo fone por elas representados, mas lê em silêncio/mentalmente e pode mostrar que leu, através de desenhos e de gestos representativos. Em suma, o nome da letra não é mais uma condição favorável para MP voltar a escrever, por isso não soletra, mas *traduzindo* (COUDRY, 2008) a forma da letra pelo gesto que a representa com a mão, consegue dizer seu nome, ou seja, soletrar. É o que acontece quando, para dizer o nome da letra M, faz seu gesto representativo com as mãos.

No dado 5 (Quadro 2) que segue, MP mostra que começa a retomar o reconhecimento de letras, no interior de palavras que podem se tornar outras por operações, no caso, de retirada e inserção de letras/sons.

Na sessão desse dia, e sabendo de sua dificuldade de transitar nos níveis hierárquicos de análise linguística (BENVENISTE, 1970; COUDRY, 1993), vimos que MP reconhece a palavra *prato* pela fala do outro, mas não sabe mais escrevê-la, nem soletrando, e assim fomos expandindo nossa compreensão de sua afasia, considerando como ela mesma a caracteriza: *eu sei o que que é, mas você me fala o que é eu não sei*. Ou seja, sabe o que é, mas quando o interlocutor lhe pergunta não sabe dizer.

Quadro 2. Como *prato* vira *pato*? (02/06/2017)

Linha	Interlocutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não verbal
0	RECORTE			
1	Imc	Que letra você tira da palavra PRATO pra ficar PATO?		
2	MP	Aqui?		Mostra a folha escrita
3	Imc	então, aí está escrito PRATO e eu quero que você escreva PATO, tem que tirar uma letra de PRATO pra ficar PATO.		MP tampa a letra R com o dedo
4	Imc	Isso, aí fica PATO, muito bem.		
5	MP	É que eu vi e falei, eu acho que é ele, mas não é que eu sei.		

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística – CNPq: 311504/2016-7

Para compreender ainda melhor o caso MP, recorremos a Goldstein (1948), cujos estudos de caso, sobretudo os que incidem sobre a falta do nome, levam a observações esclarecedoras sobre as modificações¹⁸ que a afasia traz para a vida dos afásicos. A afasia, pondera ele, afeta o *pensamento categórico*, dificultando o raciocínio verbal, que se caracteriza pelo que chama de *instrumentalidades* que a afasia conserva nas atitudes verbais do afásico. Frases feitas, excesso de dêiticos, palavras *passe-partout* e palavras-frase são exemplos dessa condição. No início do quadro, MP dominava um conjunto de instrumentalidades e os nomes eram substituídos por perífrases e até por circunlóquios (com anáforas sem referência) que às vezes comprometiam o sentido do que queria dizer.

18 Podemos relacionar tal reflexão ao que Luria (1987) descreve como pensamento *simpráxico* – vinculado a situações concretas e a experiências de vida – e aquele raciocínio mais complexo (categórico, abstrato), não imediato, *sinsemântico*, vinculado a relações semânticas que povoam nossa relação com a linguagem, ou seja, ao que descreve como pensamento verbal/discursivo.

- | Eu sei o que é mas não sei falar

Goldstein (1948) observa reações do afásico diante da afasia que reelaboram as possibilidades de ação. Por exemplo, a dificuldade de nomear abre caminho para substituições, que ele descreve como cumprindo uma função de desvio (*détour function*), que o afásico faz para lidar com a falta do nome¹⁹. Em seu lugar, o afásico produz circunlóquios, perífrases, expressões metonímicas, etc. que podem ou não comprometer o sentido. Identificamos essa situação na fala de MP, ou seja, para nomear a investigadora (Maza), falta-lhe o nome e recorre a uma expressão metonímica: *aquela que é mais*, cujo sentido revela a *chefe*, sendo o referente identificado de imediato. Esse uso instrumental que a própria língua possibilita é preservado na afasia e pode favorecer rearranjos terapêuticos. É comum o fato de o afásico recorrer a substituições e a outros mecanismos de *détour* (conhecimento lexical, associações acústicas, visuais, motoras, à experiência variada com a língua, etc.) e de súbito a palavra procurada vir à tona. Isso também acontece com o esquecimento temporário de nomes (FREUD, 1901/1969).

Ressaltamos o fato de MP refazer suas dificuldades no acompanhamento longitudinal, ou seja, de recorrer cada vez menos a *détours*, como mostra o dado 4, ou a recorrer a *détours* que expandem sua sintaxe para expressar o pensamento categórico, de forma a aproximar-se de um raciocínio verbalmente formulado, compatível com o uso simbólico da linguagem, seguindo Goldstein. É o que mostra o dado 1, na diferença de temporalidade que MP reconhece, com a intervenção da investigadora, entre *antes*, *depois* e *agora*, além do uso argumentativo da pressuposição: *eu não tenho mais* (DUCROT, 1972).

5. Conclusão

Como vimos na teorização proposta, seguindo Goldstein, no início do acompanhamento, MP se serve de instrumentalidades e de *detours* para falar e o ambiente discursivo em que está envolvida (no CCA, em casa) a faz ampliar as possibilidades linguísticas de elaboração dos enunciados. Envolve-se mais com as palavras no eixo sintagmático e quando se vê barrada na condição de falante *traduz* fala por gestos, escrita, desenho, de modo mais confortável que no início de seu quadro afásico.

Um aspecto crucial da convivência com afásicos são os rearranjos possibilitados na afasia pela imersão do afásico no funcionamento da linguagem, permeado pelo outro e pelo mundo partilhado, como ocorre nas atividades práticas com a linguagem propostas pela ND para o acompanhamento individual e coletivo dos afásicos. Não é demais dizer

¹⁹ Os *processos alternativos de significação*, justamente, recobrem as soluções possíveis diante da afasia, não oficiais, produzidas em função do sentido, que o afásico encontra para realizar seu dizer (Cf. Nota 3).

que o que sustenta a ND é a interlocução estabelecida entre os sujeitos protagonistas da linguagem como atividade constitutiva.

Retomando o título do texto, vemos que a afasia modifica o que é automatizado pelo uso sistemático da linguagem na vida em sociedade e insere o novo na relação do sujeito com a língua e a linguagem. O que é novo para MP? Recorrer à escrita para falar, à fala para escrever, ao desenho e gestos para falar e ler, sempre mediada pelo outro, na interlocução. E nesse trajeto, não linear, ela reencontra velhas palavras e possibilidades de expressar sentido.

A afasia de MP a faz hesitar entre *saber o que é para dizer, e dizer*, tendo muitas vezes que *fazer/desenhar para dizer*, ou ainda *mostrar para dizer*. Coudry (1986/1988) ressalta, com base em Foucault (1969), que a afasia apaga certos subsistemas e realça outros. É isso que temos que descobrir para compreender e intervir em um caso de afasia, o que acontece no discurso.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.
- ABAURRE, M. B. M.; COUDRY, M. I. H. Em torno de sujeitos e olhares. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 6, n. 2, p. 171-191, dez. 2008.
- BENVENISTE, E. **Problèmes de Linguistique Générale**. Paris: Gaillimard, 1970 [1966].
- COUDRY, M. I. H. Diário de Narciso e Neurolinguística Discursiva: 30 anos depois. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Universidade Estadual de Campinas, v. 60, n. 2, p. 323-350, 31 ago. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/cel.v60i2.8653126>.
- COUDRY, M. I. H. **Dificuldade de viver – Homenagem a Françoise Dolto**. Memorial para Concurso de Professor Titular, na área de Neurolinguística, no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2012. Unpublished manuscript.
- COUDRY, M. I. H. **Projeto Integrado em Neurolinguística: avaliação e banco de dados**. Relatório de pesquisa, CNPq: 301726/2006-0, de 2007 a 2010. Campinas, 2010. Unpublished manuscript.

- | Eu sei o que é mas não sei falar

COUDRY, M. I. H. Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 6, n. 2, p.7-36, dez. 2008. Disponível em: <http://cpelin.org/estudosdalinguagem/ojs/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/93/204>. Acesso em: 13 jul. 2018.

COUDRY, M. I. H. Linguagem e Afasia: uma abordagem discursiva da Neurolinguística. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 42, n. 1, p. 99-129, jan./jun. 2002a.

COUDRY, M. I. H. **Clássico é clássico e vice-versa**. Prova Didática apresentada para Concurso de Livre Docência, na área de Neurolinguística, no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 54p. Unpublished manuscript, 2002b.

COUDRY, M. I. H. Língua, discurso e a lógica da linguagem patológica. **Cadernos da F.F.C**, Marília, v. 6, n. 2, p. 131-148, nov. 1997.

COUDRY, M. I. H. O que é dado em Neurolingüística? *In*: CASTRO, M. (org.). **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 179-194.

COUDRY, M. I. H. Neuropsicologia: Aspectos biológicos e sociais. *In*: COUDRY, M. I. H. **Temas em Neuropsicologia**. v. 1. Sociedade Brasileira de Neuropsicologia. São Paulo: Tec Art, 1993. p. 38-57. Série de Neuropsicologia.

COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso**. Discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986. Publicada em livro. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

COUDRY, M. I. H.; GREGOLIN, R. M. Poder fazer e não poder dizer. **Revista Letras**, Universidade Federal do Paraná, v. 57, p. 211-227, 30 jun. 2002. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v57i0.18396>.

COUDRY, M. I. H.; ISHARA, C.; SAMPAIO, N. F. S.; Dado e novo na linguagem de idosos. *In*: SILVA, M. da C. T. **Da fonética ao discurso: questões de pesquisa**. v. 1. São Paulo: Claraluz, 2010. p. 120-130.

COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P. Pressupostos teórico-clínicos da Neurolinguística Discursiva. *In*: COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P.; ANDRADE, M. L. F.; SILVA, M. A. (org.).

Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com a linguagem. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. Que cérebro para a cognição distribuída? *In: Seminário de Neurolinguística Discursiva*, Campinas, 1, 2017. Comunicação oral.

DIAS, J. Afasia e agnosia: um Estudo de Caso. *In: Seminário do GEL*, Assis, 65, 2017. Pôster.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987 [1972].

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Petrópolis, Lisboa: Vozes, Centro do livro Brasileiro, 1969.

FREUD, S. **Pour concevoir les aphasies:** Une étude critique. Traduction de Fernand Cambon. Paris: EPEL, 2010 [1891].

FREUD, S. **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1901/1969.

GOLDSTEIN, K. **Language and Language Disturbances:** Aphasic Symptom Complexes and their Significance for Medicine and Theory of Language. New York: Grune & Stratton, 1948.

JACKSON, H. On the nature of the duality of the brain. **Medical Press and Circular**, v. 1, n. 19, p. 41-63, 1874. Reprinted in *Brain* 38: p. 80-103, 1915.

JAKOBSON, R. Aspectos Linguísticos da tradução. *In: JAKOBSON, R. Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1975 [1956]. p. 63-72.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1975. p. 34-62. JAKOBSON, R. A afasia como um problema linguístico. *In: LEMLE, M.; LEITE, E. Y. (org.). Novas Perspectivas Linguísticas*. Petrópolis: Vozes, 1970 [1955]. p. 43-54.

LURIA, A. R. **Neuropsychological Studies in Aphasia**. Amsterdam: Swets & Zeitlinger B.V., 1977.

LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem:** as últimas conferências de Luria. Porto Alegre:

- | Eu sei o que é mas não sei falar

Artes Médicas, 1987.

MUSSALIM, F. A dimensão discursiva da cognição ou a dimensão cognitiva do discurso. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Universidade Estadual de Campinas, v. 60, n. 2, p. 400-413, 31 ago. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20396/cel.v60i2.8651036>. Acesso em: 16 ago. 2018.

OLIVEIRA, M. V. B. **Palavras na ponta-da-língua: uma abordagem neurolinguística**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

PEREIRA, C. Q. **Linguagem e aspectos visuo-espaciais: uma abordagem discursiva**. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. 1988. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986. Publicada em livro, São Paulo: Martins Fontes, 1988.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: COUDRY, Maria Irma Hadler e DIAS, Júlia. Eu sei o que é mas não sei falar. **Revista do GEL**, v. 16, n. 2, p. 111-128, 2019. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v16i2.2420>

Submetido em: 30/11/2018 | Aceito em: 21/11/2019.
